ANO 7.º — Sexta-feira, 15 de Maio de 1914 — NUMERO 322

O DEMOCRATA (AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias)	1$20
Semestre	$60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte	2$50
Avulso	$02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha	4 centavos
Comunicados	2 centavos

Anúncios permanentes, contracto especial.

Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

16 de Maio de 1828

Uma data, 86 anos volvidos, quasi apagada nas tradições de Aveiro!

Uma data que passa quasi despercebida das gerações actuais, porque dela não fazem menção os vulgares livros da Historia, nem a ela se referem os professores que têm de educar as futuras gerações desta terra que foi berço da Liberdade!

Uma data que é uma pagina heroica e triste da vida politica de Aveiro: heroica pelo arrojo e dedicação dos que a glorificaram; triste pelo sacrificio dos que com o seu sangue alimentaram a Liberdade, pela Liberdade carpiram saudades pungentes no exito, pela Liberdade sofreram os horrores das prisões!

Uma data que é um hino entoado aos que lutaram por um ideal e a ele fizéram o sacrificio da propria vida!

Uma data que é preciso fazer conhecida dos cidadãos do futuro, como um grito de revolta contra a opressão politica e moral de um regimen tiranico e fanatico!

Uma data que é um grito de alma, vibrante, que, evocando um passado glorioso, é um tributo de saudade e veneração pelos Martires que lutaram pela libertação de um Povo escravisado e lhe desbravaram o caminho que ele trilha na conquista do Progresso!

Uma data que a Municipalidade de Aveiro comemora para alimentar no espirito dos seus concidadãos o amor da Patria e da Liberdade e para glorificar os nomes ilustres que para sempre devem estar gravados na historia desta cidade!

* * *

O principio de soberania popular proclamada pela Revolução Francêsa insurreccionou toda a Europa contra o regimen absoluto.

O reaccionario principe de Metternich que por tantos anos dirigiu a politica europeia não pôde sufocar as aspirações dos povos que a escravidão de seculos excitava contra os seus opressores.

Em todas as nações se travou a luta da Revolução contra o regimen absoluto, dos povos contra a opressão dos estrangeiros, das classes desprotegidas contra as classes privilegiadas.

Era uma revolução politica e social que no primeiro quartel do seculo XIX agitava toda a Europa.

A Peninsula Hispanica, apesar de isolada da Europa pela influencia da educação jesuitica e pelos terrores da Inquisição, tomou parte brilhante nesse movimento emancipador.

Em 1812, a Espanha elaborou a Constituição de Cadix, logo suprimida pelo fanatico Fernando VII.

Em Janeiro de 1820, Riego proclamou a Constituição de Cadix e animados por este movimento os liberais do Porto que, desde 1817, vinham trabalhando na organisação revolucionaria, fizéram a revolução de 24 de Agosto daquele ano, que nos emancipou da tutela afrontosa da Inglaterra e abuliu no país o regimen absoluto.

Aveiro aderiu com entusiasmo á revolução e logo em 21 secundou o movimento do Porto.

Elaborada a Constituição de 1822, foi esta suprimida pela contra-revolução de 1823, conhecida pelo nome de *vila-francada* e capitaneada pelo infante D. Miguel que, tomando a direcção do partido absolutista, aclamou D. João VI rei absoluto.

Aveiro aderiu desta vez com frieza ao regimem absoluto e manteve com firmeza os principios liberais que bem arreigados estavam na maioria da população da cidade.

Começaram logo a exercer-se violencias, sendo perseguidos os liberais que mais se haviam salientado na revolução de 1820, o que não fez enfraquecer a dedicação que eles tinham pela Liberdade.

Restabelecido em 1826 o regimen constitucional com a outorga da Carta, logo Aveiro se manifestou a favor dele com intimo regosijo.

Em 25 de Abril de 1828, D. Miguel, faltando aos juramentos prestados perante a Europa, fez-se aclamar rei absoluto, usurpando assim o poder que tinha jurado guardar para sua prometida esposa D. Maria II.

O procedimento deslial do principe perjuro que assim despresou os mais rudimentares principios de dignidade humana, faltando aos juramentos e promessas feitas, e o ataque ao principio da soberania popular congregaram os liberais de Aveiro que, dirigidos pelo desembargador Joaquim José de Queiroz, prepararam, de combinação com os liberaes do Porto, a revolução que havia de restaurar o regimen parlamentar.

Foi escolhido o dia 16 de Maio de 1828 para em Aveiro se levantar o grito de Liberdade.

Era de Aveiro que partia o grito da Revolução que havia de derribar o odiado regimen absoluto, devendo o movimento ser secundado no Porto no dia 17, onde se concentrariam forças militares de Aveiro, Penafiel, Braga, etc.

Aveiro era uma cidade profundamente liberal e nela tinham absoluta confiança os organisadores da revolução.

No dia 16, na Praça do Comercio, onde o simpatico *Club dos Galitos* fez erguer, em 1909, o modesto obelisco que ali comemora este facto, o desembargador Joaquim José de Queiroz levantou os primeiros *vivas* á Carta Constitucional, a D. Pedro IV e a D. Maria II, *vivas* que logo foram repetidos por toda a cidade, lavrando-se na casa da Câmara auto da proclamação, que foi assinado por grande numero de pessoas.

Mas o movimento foi sufocado e o absolutismo triunfante cevou os seus odios com as mais atrozes perseguições.

E' grande a lista dos liberais aveirenses perseguidos pelos sequazes do principe perjuro; foi grande o numero de liberais que tivéram de emigrar para terras estrangeiras para fugir á justiça sem piedade dos defensores do *trôno* e do *altar*.

Foram esses exilados que constituiram o nucleo do exercito com que D. Pedro IV veio desembarcar no Mindelo em Julho de 1832, dando principio á luta que só terminou em 1834, pela convenção de Evora-Monte, quando já a Europa, cansada de continuas lutas havia constituido a *quadrupla aliança* em que entraram Inglaterra, França, Espanha e Portugal, para defesa da *soberania popular*, em oposição á *santa aliança*, organisada por influencia do principe de Metternich, para sustentar o regimen absoluto.

Venceu o liberalismo, mas á custa de quanto sangue derramado!

Quantas vitimas não foram sacrificadas no altar da Liberdade pelos partidarios do *trono* e do *altar!*

* * *

A *alçada* que, pelo govêrno de D. Miguel, foi mandada ao Porto para averiguar e julgar o crime de rebelião praticado em 16 de Maio de 1828, em Aveiro, condenou a serem enforcados e depois as cabeças cortadas para serem expostas no local onde foi praticado o *crime*, os seguintes liberais:

Francisco Manuel Gravito da Veiga e Lima, Manuel Luís Nogueira, Clemente de Melo Soares de Freitas, Francisco Silverio de Carvalho Magalhães Serrão, Clemente de Morais Sarmento e João Henrique Ferreira.

As cabeças destes seis Martires da Liberdade estão dentro de uma urna que repousa sobre tres colunas que se erguem ao centro do cemiterio desta cidade.

Numa das faces do monumento lê-se a seguinte estancia de Mendes Leal:

Os ossos aqui tem, a alma no Empireo
Seis ilustres varões, por quem fremente
A Liberdade chora. Atroz delirio
Neles puniu o esforço independente,
E herois os fez co'as palmas do martirio.
Fique a sua lembrança eternamente
Nos nossos corações, na patria historia.
Paz aos seus restos, aos seus nomes gloria!

Curvemo-nos reverentes perante os sagrados despojos dos seis Martires da Liberdade que ali repousam no cemiterio publico.

Glorifiquemos a sua memoria, seguindo-lhes o exemplo da coragem, firmêsa e constancia com que defenderem as crenças que tão vivas albergavam no coração!

Foram eles os precursores da Liberdade que hoje gosâmos.

Saibamos nós defende-la!

Honraremos assim a sua memoria!

* * *

O dia 16 de Maio é para nós, aveirenses, uma data gloriosa que nunca devemos deixar esquecer.

Comemorando-a cumprimos um dever civico!

J. S.

ATÈ QUANDO?

Ainda não foi exonerado de administrador de Vagos o sr. Agnelo Regala cujas incompatibilidades com o concelho o sr. governador civil conheco desde a primeira hora que exerce as funções de chefe do distrito e o mesmo sucéde com o sr. dr. Alfredo Nordeste, a um tempo administrador de Estarreja e oficial do registo civil em Vagos.

Ora a situação dos dois funcionarios não póde nem deve o sr. dr. Augusto Gil proroga-la mais, se de alguma sorte veio para Aveiro no firme proposito de honrar as instituições, como somos obrigados a crêr, e nunca disposto a transigir com quem de republicano só usa o nome para provimento dos seus interesses e desmedidas ambições.

Entendâmo-nos, sr. governador civil. O que está está mal e exige prompta solução.

Continuar, é expôr a Republica aos golpes dos adversarios e disso a queremos nós livrar muito embora o não possâmos fazer sem atingir os que dão causa aos justos protestos da opinião que não quer vêr imoralidades na politica, nem politicos criminosos que as defendam.

O "ménage" de D. Manuel

Nem trôno nem mulher

Ha muito que a imprensa de Roma refere coisas mirabolantes ácêrca das constantes desavenças entre o ex-rei de Portugal e sua esposa, apesar de alguns fracos desmentidos dos orgãos oficiosos do Vaticano e do proprio interessado, empenhados em abafar o escandalo a que taes boatos dão origem.

Os telegramas, porém, que vamos reproduzir dizem o bastante para devidamente elucidarem o leitor de tudo quanto á volta dos esposos de Sigmaringen se passa e que tem capital importancia como demonstração da inepcia que tem presidido a todos os actos da vida do ultimo rei de Portugal.

Assim, com data de 5, comunicam de Paris:

A *Gazeta de Berlim do meio dia* anuncia sob reservas o proximo divorcio de D. Manuel de Bragança.

O *Intransigeant*, desta capital, fez-se éco de informações de Roma, que dizem ter a esposa do ex-rei pedido á Santa Sé a anulação do casamento. Todas estas noticias, que já viéram a lume noutros jornaes, são desmentidas pelos amigos de D. Manuel que as considéram grosseiras invenções de miguelistas despeitados. O ex-soberano e sua esposa vivem, segundo os manuelistas, na mais perfeita harmonia.

Ora as *grosseiras invenções* voltam de novo a tomar curso, quatro dias depois, com uma viva nota de insistencia por parte dos mais conceituados jornaes estrangeiros, que, segundo um correspondente da capital francêsa, desta maneira clara e categorica se exprimem:

PARIS, 9.—Alguns orgãos dos mais considerados na imprensa internacional insistem na desinteligencia que existe no *ménage* do ex-rei D. Manuel e cuja gravidade em vão procuraria iludir-se em face dos desejos manifestados pela princeza Augusta Vitoria de obter o divorcio, ou, antes, a anulação do seu casamento.

Assim, o *Journal*, em telegrama do seu correspondente em Roma, assegura que foram trnsmitidos as *Rito*, o tribunal da côrte romana que decide em grau de apelação as questões eclesiasticas de todo o orbe catolico, documentos para essa anulação.

Por sua vez, a *Berliner Zeitung*, reportando-se a informações de Italia, diz que a esposa de D. Manuel de Bragança requereu o divorcio, com o fundamento de seu marido não cumprir os deveres conjugaes.

Outros jornaes da capital alemã afirmam que o principe Guilherme de Hohenzollern, acompanhado de seu filho, o principe herdeiro Frederico, irá a Twickenham, não com a idéa de conciliar o casal, mas no proposito de conduzir sua filha a Sigmaringen.

Esta noticia é confirmada pelo *Times*, a grande folha londrina, a cuja fama e importancia os proprios realistas se teem arrimado em mais de uma conjuntura, e, finalmente, o *Matin* não se dispensa tão pouco de aludir a todos os factos mencionados.—S.

Avaliamos o quanto deve ser duro para a côrte lusitana em perpetua disponibilidade o terem-se tornado publico os factos anormaes passados com a *radiosa mocidade* do sr. D. Manuel, mas o que ninguem deve estranhar é que termine assim uma *lua de mel* tão amarguradamente iniciada...

MAU SIMPTOMA

Na segunda-feira pela manhã saíu procissionalmente o viatico da egreja de S. Domingos, conduzido pelo prior da freguezia, e seguido dumas poucas de beatas, que o acompanharam tanto na ida como na volta a S. Tiago, para onde fôra reclamado.

Não vimos o cortejo. Contudo ouvimos distintamente que durante o trajecto e atravez algumas ruas da cidade uma ladainha qualquer se cantava em alta grita provocando o estranho arruido justos reparos a quantos, como nós, teem ideia da existencia duma lei que regula os actos do culto, não consentindo abusos nem tão pouco que os sectarios das diferentes religiões venham, num Estado livre, fazer da via publica campo para a sua propaganda. Não, não póde repetir-se em Aveiro isso que para aí se exibiu aos primeiros alvores da manhã de segunda-feira porque nem é proprio duma terra civilisada nem está em harmonia com o espirito da lei emancipadora da consciencia nacional.

A' autoridade compete vigiar de perto e chamar á responsabilidade os que ostensivamente se colocam em briga com as leis da Republica. Hoje, ámanhã, sempre. Mas se por via da *cordealidade triunfante* se levar ao extremo concessões afrontosas, então, liberaes, álerta, que o momento é decisivo.

Por todas as razões e ainda porque sería aviltante que Aveiro se deixasse emalhar pela rêde da reacção.

RUAS DE AVEIRO

Começaram a ser devidamente reparadas algumas das principaes ruas da cidade que disso careciam, tendo já sido tambem aberta ao transito de carros a que vai do quartel de cavalaria 8 á estação do caminho de ferro e que era uma das que mais necessitavam de arranjo imediato.

A' câmara, por conta de quem correram as obras, queremos louvar visto a pressa que se deu em atender aos constantes pedidos dos aveirenses tendentes todos a pôr nas condições reclamadas uma das melhores arterias da cidade.

O medico José Soares mudou a sua residencia para a rua do Carmo, n.º 20, junto do quartel de Cavalaria 8.

O condenado de Liverpool

CLEMENCIA!

Telegramas de Londres anunciam que o tribunal de revisão dos procéssos criminaes regeitou a apelação do nosso compatriota Oliveira Coelho, contra a pena de morte que ultimamente lhe foi aplicada por ter assassinado a esposa a bordo do paquete *Deseado* em viagem para o Brazil.

O presidente do tribunal diz que tomou esta decisão porque o tribunal não possue o poder de indultar os condenados, mas exprime a opinião de que o procésso do infeliz Oliveira Coelho é um procésso em que o ministro do interior do govêrno inglez, póde muito bem usar do poder de propôr ao soberano que exerça a prorogativa régia.

Resta que Jorge V atenda agora as nossas suplicas, olhando com piedade o desgraçado, que, num momento de alucinação, quando viu perdida toda a esperança de regenerar aquela a quem tinha ligado o seu nome e a quem tanto queria, julgou livrar-se da situação avilvante em que se encontrava, atingindo-lhe o coração com a bala dum revolver.

E' um acto de humanidade.

OS QUE FALTAM

De *O Dia*, de 11 do corrente:

«Noutro logar vai a noticia da imponente manifestação funebre de hoje, á memoria do sr. conselheiro José Luciano de Castro.

Todavía, muitos faltaram dos que lá deviam estar. Os seus antigos colégas no Conselho de Estado, que lá não fôram, onde estarão? Aqueles que José Luciano de Castro fez bispos, porque não viéram das suas dioceses? E quantos outros—antigos ministros, pares, deputados, altos funcionarios civis e *militares*—faltaram tambem.

Sinaes dos tempos!

A crise da fraquêsa?

Peor! A crise do caracter.»

Está enganado *O Dia*. Não ha tal crise de fraquêsa nem crise de caracter por banda dos monarquicos que não comparecem ás exequias do sr. José Luciano de Castro... Como queria *O Dia* que nesses actos religiosos estivéssem os antigos ministros de Estado, aqueles que José Luciano fez bispos, conselheiros, pares, deputados, altos funcionarios se todos andam a preparar a revolução segundo as exigencias do sr. Moreira de Almeida que a todo o custo ainda quer voltar a ser consul de Banana?

Duas coisas ao mesmo tempo é impossivel de realisar. Mórmente quando, por antagonicas, brigam, como no caso presente..

Dr. Afonso Costa

Uma sessão de homenagem das mais grandiosas e significativas que se teem realisado na capital em honra do eminente estadista

Atingiu extraordinárias proporções a manifestação efectuada no domingo, em Lisboa, ao chefe do govêrno transacto, sr. dr. Afonso Costa, manifestação levada a efeito pelas comissões municipal e paroquiaes do Partido Republicano Português que déssa maneira quizéram publicamente mostrar a força e o prestigio de que gosam entre os verdadeiros republicanos e ainda a simpatía que cérca o eminente homem de Estado cuja obra de reconstrução nacional faz o orgulho dum povo, traduz e levanta e apruma a energia duma raça.

Foi pequena a vastissima sala do Coliseu dos Recreios para conter toda a multidão ávida de significar o seu aplauso ao homenageado, incontestavelmente a figura primacial da Republica Portuguêsa, aquéla que, tendo recebido tão inequivocas consagrações do país, ainda e sempre é olhada por ele como a aguia que o 5 de Outubro fez pousar sobre os destinos désta Patria envilecida por estranhos servidores duma monarquia corrupta, para a salvar, arrancando-a á desonra, á devassidão, ao crime.

Como fica dito, o Coliseu estava completamente á cunha vendo-se dentro dele representadas todas as classes sociaes e os camarotes repletos de senhoras com as suas *toilettes* de gala o que tudo formava um conjunto de grandiosidade invulgar que só o nome de Afonso Costa póde reunir apezar das tentativas feitas para o enodoar.

Presidiu á sessão o senador Estevam de Vasconcélos, tendo, no decorrer désta, usado da palavra os srs. Levi Marques da Costa, Helder Ribeiro, José dos Santos, dr. Manuel Monteiro, ministro da justiça, Henrique Cardoso e dr. Alexandre Braga.

O ex-governador civil de Lisboa, dr. Daniel Rodrigues, leu a mensagem das comissões politicas do partido democratico ao sr. dr. Afonso Costa, caligrafada em pergaminho e redigida pelo erúdito escritor José Caldas, a qual é do teor seguinte:

Ilustre cidadão dr. Afonso Costa. — A dificil e complexa crise que nêste momento atravessa a politica nacional, complicando por uma fórma imprevista e estranha a integridade das instituições republicanas, que tão altos, tão nobres e tão heroicos sacrificios custaram a todos os verdadeiros portuguêses, leva as comissões municipal e paroquiais republicanas de Lisboa, e os cidadãos adeante assinados a vir prestar perante V. Ex.ª o vivo e leal testemunho do seu aplauso pela obra grandiosa, eternamente memoravel, que V. Ex.ª tem prestado—e todos os leais portuguêses esperam que continue a prestar—não só á Republica, como a todo o País.

Por duas vezes já—no relativo curto praso de pouco mais de dois anos—tem V. Ex.ª, na posse dos sêlos do Estado—justificado só de per si o advento da Republica. Com a lei de 20 de abril de 1911 nos libertou V. Ex.ª da mais de tres vezes secular tutela da *Companhia de Jesus*, cuja audacia nos ultimos tempos da monarquia, sua aliada e sua cumplice, ascendera os extremos da mais afrontosa insolencia. Esse diploma, que abona o pulso de um verdadeiro Estadista, e no qual, a par do logico conceito juridico que o sintetisa, se revela a mão de ferro do patriota que o traçára;—esse diploma, pela segurança das suas vistas, e pela firmeza das suas conclusões, faria em qualquer país do mundo a honra de qualquer homem de govêrno que o firmasse. Sente-se nêle, ainda agora, a mão suprema do reformador poderoso dos meados do seculo XVIII, a par do espirito lucido e penetrante do heroico legislador da Terceira.

Assegurada, assim, a paz das consciencias e a liberdade de todas as confissões, por uma fórma que excede em muitos pontos o proprio edito de Nantes, e, entre nós, a historica lei de 30 de maio de 1834, que extingue os regulares, por isso que os *egressos*, em tais dias, foram por Aguiar condenados ao abandono e á miseria, o que se não verifica com os principios da lei de 20 de abril de 1911, que solicitamente ampara e conforta os ministros da religião que a Republica deparou á frente da missão paroquial:—assegurada assim a paz das consciencias e as bases da logica emancipação do Estado de toda a especie de ideia confessional, restava ao País outro genero de alforria, outra carta-magna da sua libertação: — a libertação financeira.

E' ainda a V. Ex.ª a quem o País deve éssa extraordinaria obra, sem o abalo temeroso de uma crise que perturbasse toda a fisiologia nacional. De um País a dois passos da bancarrota; de um País, sobre o qual as vistas cúpidas da finança internacional lançavam já os extremos da sua cubiça computativa, soube V. Ex.ª fazer um País que honra todos os seus compromissos, e se prepara, com a nobre confiança do seu resurgimento, a caminhar, de fronte erguida e peito aberto, por entre o convivio das mais honradas nações do mundo.

Estes dois feitos heroicos, Ex.mo Sr., representam, só de per si, a plena justificação, perante a Historia, do glorioso 5 de outubro. Não ha duvida. Sem estas duas energias tornadas facto, a revolução republicana ficaria reduzida a uma aspiração vaga, por ventura heroica e generosa, a que a falta de correspondencia de actos e providencias legislativas tiraria uma grande parte do seu esplendor. Capitães e soldados, por egual heroicos e ousados, após a victoria, ficariam entreolhando-se, esperando alguma coisa mais que viésse servir de corôa ao seu exforço. Falára a espada, é certo; restava que falasse o legislador. Os homens de armas só por excéção sabem compulsar os códigos, e redigir a providencia escrita, o direito novo que as revoluções apenas presentem e sabem esboçar. Feita a paz sobre os escombros do passado, restava a reconstituição da sociedade que se havia de erguer e resurgir déssas mesmas ruinas. Restava o Estadista.

Esse homem, esse Estadista, foi V. Ex.ª.

E se na grandeza do feito, muito ha com que se justifique a gratidão portuguêsa, não menor campo nos fica ainda para assegurar, deante da Historia, que V. Ex.ª, com a sua acção nos Ministérios da Justiça e das Finanças, libertou não só o País das duas tutelas, por egual infamantes que o esmagavam, mas justificou plenamente e com honra a Revolução.

Claro que não foi sem grandes sacrificios que tudo isso se fez; sacrificios a que todo o País se prestou com uma heroicidade que trascende todos os seus similares da Historia; sacrificios ainda não menos dignos de assinalar-se, quais foram os que V. Ex.ª têve de vencer e pôr em risco, e no numero dos quais—¿porque oculta-lo?—figura e figurará perpetuamente uma parte da quebra da sua popularidade no estreito e mesquinho meio dos que presumiam, por certo, que o País havia de pagar o que devia por meio daqueles prodigios que os fariseus pediam ao Messias, como a verdadeira contra fé historica da sua aparição.

E se esse murmurio dos malcontentes póde, nésta hora dificil para a Republica, ser aproveitado por aqueles para cujo valimento nos destinos nacionais, tudo, além da ambição, lhes falta, é do nosso dever—do dever de todos os portuguêses—afirmar, que junto dêle corre, embora iniludivelmente apartado já da concha do mesmo leito—em que só gemem sonhos de inveja, ancias de predominio que a dura lição dos factos frustára—o éco do nosso aplauso e a linguagem serena e convicta da nossa gratidão.

Digne-se, pois, V. Ex.ª aceitar os vivos protestos de todos os representantes do Partido Republicano Português nésta heroica cidade.

A leitura deste documento é coberta dos mais entusiasticos aplausos e a familia do glorioso tribuno, que, por carta, se escusou a assistir á sessão, delirantemente ovacionada pois para o seu camarote convergiram durante largo espaço de tempo as atenções de toda a sala, saudando-a.

Terminou a memoravel festa civica com um brilhante discurso do eloquente orador republicano dr. Alexandre Braga, que, no meio do silencio da assembleia, diz que quasi todos os oradores que o precederam no uso da palavra falaram em nome de colectividades que os honraram enviando-os ali para as representarem. Tambem ele precisa falar em nome de qualquer coisa. Por isso mesmo vai esforçar-se por falar em nome de qualquer coisa que a todos pertence, mas que a muitos faz recuar de pavor. E' em nome da Verdade, deusa imortal e sagrada que devia ser o mais belo apanagio do proceder da humanidade. Se ha uma hora em que essa verdade seja dificil de dizer é exactamente aquela em que parecem opôr-se-lhe interesses da patria. Esta festa foi feita para comemorar a obra do govêrno transacto da presidencia do sr. Afonso Costa, traiçoeiramente empurrado do poder (*Muitos aplausos.*) Esse acto foi o resultado da mais degradante de todas as campanhas que a inveja dos impotentes e a idiotia dos odientos pôde realisar até hoje na vida politica da Republica. A infamia que essa campanha representa hade ser justamente flagelada pela consciencia de todos os cidadãos decorrido aquele tempo que a Historia sempre reclama para pronunciar os seus irrevogaveis *veredictums*, o tempo preciso para que possa revelar-se em todo o seu impudôr a repugnante, a nauseante Verdade. E só então se verá a miseria moral, o golpe cobardissimo que se vibrou de facto contra a integridade do nosso país. E só então se verá, comparando o proceder desses tartufos com o proceder patriotico do govêrno a que presidiu o dr. Afonso Costa o que significou de grandeza e nobreza o gesto de renuncia do politico que se chama Afonso Costa e o que significa o gesto baixo de quantos mastins quizéram ladrar á sua sombra! (*Calorosas ovações*).

Emquanto essa hora não inevitavel não chega, emquanto aos nomes miserrimos dos culpados, seja qual fôr a sua figuração social, se não amarram ás cadeias das suas proprias torpezas, emquanto o mesmo sentimento de renuncia puder calar, como nesta hora, as palavras de merecido castigo, que inspira toda a infamia com que nos anavalharam pelas costas, calemos tambem a nossa indignação e relembremos o passado apenas para dele tirar proficuos ensinamentos. Falemos da nossa vida e da nossa acção, das nossas aspirações e dos nossos empreendimentos, ergâmos os olhos deslumbrados para aquela agitada revoada de estrelas que já palpitam no horisonte sem fim em que ha de nascer o sol luminoso dos nossos dias de ámanhã. Esta festa foi feita para celebrar a obra de um govêrno, mas não nos iludamos: o seu perfeito significado está demonstrado na nossa ternura, na nossa admiração, no nosso amor e respeito por aquela individualidade inconfundivel de cidadão que se chama Afonso Costa. E' claro que não esquecemos a obra dos homens que foram seus dedicados colaboradores, a quem damos uma grande parte do nosso carinho, enternecimento. Mas por isso mesmo que eles são patriotas e republicanos e conhecem o que se deve ao seu trabalho e ao seu esforço, alheio a perturbadoras influencias de vaidosas e vãs mentiras, é preciso reconhecer que a sua obra sería no momento irrealizavel se a seu lado não tivéssem a recorda-la o prestigio, a força dessa figura corajosa de spartano que na sua audacia soberba soube consubstanciar a propria vida, a propria essencia da Republica. (*Prolongados aplausos*). Foi ele quem no proprio instante em que todos desanimavam e descriam realisou essa obra admiravel que permitirá ámanhã o resgate das nossas desmanteladas finanças, a afirmação categorica perante o mundo de que esta nação tem o direito de existir. Foi ele quem soube cumprir honradamente as solenes promessas de todo o nosso passado de republicanos coroando com um diadema de ouro e fulgidas pedrarias a obra soberba que já havia realisado dentro do govêrno provisorio, libertando a escola e o futuro da tutela religiosa, dignificando a familia, protegendo os desprotegidos. Quando a sua obra começava a ter uma realisação tangivel era já como uma realisação inalteravel; dos mais ocultos e dissimulados baixios da inveja levantou-se a torpe campanha que teve a consequencia de fazer substituir a essa obra de avanço uma obra de estacionamento que na hora presente póde bem considerar-se uma obra de regressão. Não quer que os facciosos e maus transtornem as suas palavras. Ninguem desconhece que o sr. dr. Bernardino Machado e os homens que o acompanham são cidadãos que merecem o agradecimento e o aplauso do povo português. Mas eles proprios sabem que pertencem a um govêrno cuja fórma outros impuzéram sob o hipocrita rotulo de que era necessario congratular a sociedade portuguêsa desavinda, quando é cérto que, a ser real essa desavença, a harmonia é impossivel. Dois campos se extremam, opostos e irreconciliaveis. De um lado nós, que defendemos a Patria e a Republica; do outro os que a atacam, e não ha govêrno algum que possa realisar a quimerica ideia de entregar a liberdade áqueles que apenas a querem para a estrangular. Só muito tarde tal facto se poderá realisar, mas, para que ele se apresse, antes são prejudiciaes govêrnos fortes, capazes de se defenderem de todos os ataques. Como sería bom que todas as grandes figuras desse govêrno de contemporisação pudéssem estar no acêso da luta dando á Republica toda a protecção de que ela necessita contra os ataques daqueles que, dizendo-se portuguêses, são os peores inimigos da Patria! A hora do castigo está proxima. Os prenuncios são animadores e soberbos. Onde é que dentro da Patria Portuguêsa se pódem realisar festas como esta saudando com tanta solidariedade e calor a obra de um homem? Não será ámanhã que entre palmas o país manifestará o seu desejo. Será pela voz eloquente das urnas, indicando soberanamente a sua superior vontade. Só para que a lição fosse dada valeu a pena experimentar o ultrage. Quem com ferro mata com ferro morre. Diz-se, e é um facto, que os homens são transitorios e que só as suas ideias e as suas obras permanecem; mas não ha ideias desencarnadas, e senão que o digam as religiões, que o diga a Revolução Francêsa. Não receia diminuir-se aos olhos dos chatins afirmando, como homem que tem confiança nas proprias forças, que a Republica é hoje um só homem, uma só individualidade: é Afonso Costa! (*Extraordinarias ovações*). Ela tem vivido da sua alma, da sua fé, do seu sangue, sangue da sua vida e do seu talento. Ele a fez desde a primeira hora do govêrno provisorio proclamando as unicas medidas dignas da revolução e do povo. (*Grandes aplausos*). Encarou a igreja na sua feição mais torva e sinistra e não o assustou a lugubre sombra com que ela tinha coberto de noite todos os seculos da Historia, criando ousadamente para a Republica as gerações que hão de vir. Por tudo fazer mereceu vituperios e vaias. Pobres dos sapos que por muito que queiram contemplar um céu estrelado jámais o poderão vêr senão reflectido no charco imundo onde largam a baba das suas calunias!

E assim concluiu a sessão que teve para nós e cèrtamente para todos quantos defendem a Republica o alto significado duma consagração tão justa quanto merecida e oportuna.

VELHARIAS...

Chega-nos ás mãos um numero do jornal *A Chalaça*, de Lisboa, publicado a 30 de abril de 1905 em que se lê o seguinte:

«O *Campeão das Provincias*, jornal governamental, inseria ha dias o seguinte bocadinho do seu correspondente de Lisboa:

«Os leitores não imaginam a tortura de um correspondente, que tem o ventre abarrotado de noticias estupendas, sem as poder vomitar! Mas que querem? Dizem respeito aos nossos amigos. Pódem crêr; ha noticias fresquinhas, que fazem dar estalos na abobada palatina, com o *lingualho* guloso. Não póde ser.»

Isto é que é o rei dos Tartufos!

Se as noticias dissêssem respeito ao partido contrario, estampavam-se ali; mas como pódem desmanchar a egrejinha, roem-se e engolem-se.

Está a pedir comenda, este *honrado* e *seriissimo* correspondente.»

Se em 1905 era já considerado o rei dos Tartufos, hoje, que mais de nove anos são decorridos após aquéla data, que se hade dizer da jornaléca onde se reflete o caracter dos que a inspiram e escrevem?

KERMESSE

A *Companhia Voluntarios de Salvação Publica Guilherme Gomes Fernandes*, por intermedio da sua direcção, acaba de iniciar os trabalhos para levar a efeito no Jardim Publico uma kermesse em beneficio do seu cofre e que terá principio nos meados do proximo mez de Junho.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

O "reviralho,,

Tem corrido nos ultimos dias insistentes boatos de que está para bréve uma nova intentona monarquica, chegando-se até a marcar o dia e hora em que as hostes aguerridas de D. Manuel tencionam restituir-lhe o trono, cobardissimamente abandonado pelo filho mais novo da beata Amelia de Orleans.

Está claro que se muitos acreditam e andam apavorados, outros não ligam a minima importancia a semelhante atoarda adrede posta em circulação pelos inimigos da Republica só para trazer em constante alvoroço o espirito público.

Outra intentona monarquica! Mas então os realistas acham pouco ainda o ridiculo que os cerca?

E' verdade que um assinante nos propõe um pedido ao govêrno afim de conceder uma amnistia para futuras incursões durante os mais proximos vinte anos... E sendo assim é possivel que a presença de espirito supra a ausencia do corpo... que tem sido uma das primeiras caracteristicas da malta realenga...

Não pégam; as bichas não pégam por muito que pese ao *Dia*, á *Nação*, á *Soberania* e a quejandos orgãos duma causa que liquidou por incompatibilidade com o povo português.

De além-mar

Por noticias recebidas de S. Paulo (E. U. do Brazil) está para breve ali a abertura duma nova farmacia de que é proprietario o sr. José Carlos Freire recentemente chegado de Portugal.

Muita fortuna lhe desejâmos.

UMA TRAGEDIA

Na Covilhã deu-se no domingo um crime que pela sua naturêsa e consequencias posteriores tem interessado todo o país, ocupando-se dele a imprensa de todas as matizes.

Em resumo foi o seguinte: o major de infanteria 21, Eduardo Miguel Corrêa, esperado por um tal Francisco Enguiço recebeu deste uma facada tão profunda, junto ao coração, que momentos depois era cadaver. O Enguiço foi preso, mas apoderou-se do povo uma tal indignação contra o assassino que não tardou muito em ser arrombada a cadeia e lá mesmo linchado o autor do traiçoeiro cometimento, que nada justifica nem desculpa.

Eis, nas suas linhas geraes, o caso. Quanto a pormenores dispensamo-nos de os descrever visto a opinião dos correspondentes ser unanime em considerar o Enguiço um anormal com a monomania de liquidar oficiaes do exercito.

O que talvez não esperasse é que tão cêdo o liquidassem tambem a ele.

Caixa Economica de Aveiro

Reune no proximo domingo a assembleia geral de te estabelecimento para a nomeação do gerente creado pelos novos estatutos, cargo que deve recair num dos socios que tivér por mais tempo servido na direcção, e que, por justas contas, tem de ser o sr. Francisco Regala.

Não era preciso que os estatutos insinuassem tão cerradamente o nome daquele socio. Crêmos que uma tal nomeação está no animo de todos, ou quasi todos os acionistas da Caixa. Sua ex.ª tem prestado bastantes serviços á Caixa com zelo e ás vezes com vontade de acertar e pelo preço da chuva. E néstas condições a sua nomeação lembra-nos a adivinha da pescada —*o que é que antes de ser já o era?*

Sem melindre para ninguem, poderiam recrutar-se entre os acionistas da Caixa muitos com a necessaria competencia para a sua gerencia, se os velhos estatutos não permitissem inconvenientemente a reeleição continua e indefinida dos mesmos socios, de modo que deu em resultado, um saber a fundo todo o mecanismo complexo dos negocios da Caixa, e os outros andarem completamente ás aranhas, de olhos vendados. Deante désta situação póde dar-se o caso de se impossibilitar o socio que, pelo seu tirocinio, conhece bem toda a engrenagem intima da Caixa, e não haver quem, de pronto, resolva e aplane dificuldades por nunca, ou muito por alto, ter exercido o cargo que o habilitasse.

A Caixa deve ser uma escola, um campo de operações franqueada a todos os socios, onde aproveitem as lições da experiencia e adquiram aptidão para gerir os seus negocios, de um momento para outro. E agora que começam a vigorar os novos estatutos, os acionistas devem orientar-se nésta ordem de ideias, dando á Caixa um forte incremento pelo alargamento das suas transações, sem discrepancia e quebra daquéla linha de seriedade que tem sido o seu brasão e timbre durante meio seculo de existencia. O grangear grandes recursos nunca foi incompativel com a honradez e seriedade dos processos a empregar, e a Caixa Economica de Aveiro com o prestigio que lhe bem das suas tradições e bom nome, póde e deve enveredar por aquele caminho. Quem é acanhado morre pobre. Lembrem-se os senhores acionistas e os delegados dos depositantes que a proxima assembleia geral deve marcar o inicio de uma vida nova na existencia da Caixa.

Oxalá que todos assim o tenham entendido e façam executar.

Festas em Santarem

Promovidas pela Sociedade de Propaganda e Defêsa de Santarem é comemorada ámanhã, domingo, segunda e terça-feira a entrada das tropas liberais naquéla cidade com deslumbrantes festejos de que fazem parte um cortejo civico, o lançamento da primeira pedra para o monumento ao Marquês de Sá da Bandeira, festivais noturnos nos jardins da Republica e Portas do Sol, concurso hipico, parada agricola e pecuaria, corridas de touros, concertos musicaes, feira franca, batalha de flores, iluminações, etc., etc.

Santarem é a velha Scalabis dos tempos mitologicos do rei Abidis, que a par dos encantos naturaes oferece os atrativos da civilisação antiga representados ainda em algumas das suas estreitas ruas e nos seus vetustos monumentos como os da Torre das Cabaças, Fonte das Figueiras, S. João de Alporão e da Graça, quatro peças arquiologicas de incontestavel valor e assaz apreciadas por toda a gente que tem visitado a ribatejana cidade.

De Aveiro irá tomar parte nas imponentes festas o aplaudido *Rancho de Tricanas das Olarias*, composto de graciosas raparigas e alegres rapazes, constando-nos que com ele seguem tambem, no domingo, algumas pessoas atraídas pelo programa convidativo da comemoração.

O SAL

Tem estado em Aveiro ao preço de 32$500 o vagon.

Livros, Revistas & Jornaes

Recebemos um exemplar do relatorio e contas da *Caixa Economica Postal*, creação recente de largas vantagens para o publico, de que ainda ha pouco, nêstas colunas, falámos e onde vem confirmado tudo quanto então dissémos de elogioso para éssa util instituição.

Egualmente nos foi endereçado outro relatorio—o da *Maternidade do Porto*—pelo medico desse grande instituto, sr. dr. Artur Maia Mendes, cujos serviços se teem assinalado desde a sua fundação, que data de 1 de outubro de 1910.

Agradecemos.

=Correspondente ao ano de 1911 está em nosso poder tambem um volume da *Estatistica Geral dos Correios* contendo um diagrama do movimento das correspondencias permutadas com os países da união postal, trabalho de alto valor e reconhecido interesse dimanado da Administração Geral dos Correios e Telegrafos.

=Acaba de ser posto á venda, ao preço de 25 centavos, mais um folheto editado pela *Tipografia Gonçalves*, de Lisboa, que tem o titulo—**A Mulher perante as leis**—e o seguinte sumario:

Domicilio; Do Casamento; Das doações; Das doações feitas por terceiros aos esposados; Das convenções dos esposos relativamente a seus bens; Do poder paternal, dissolvido o matrimonio; Das fianças que póde prestar a mulher casada; Da separação de bens em simples comunhão dos adquiridos; Regimen dotal; Da interrupção da sociedade conjugal; Da separação de pessoas e bens; Da simples separação judicial de bens; Do apanagio das viuvas; Das segundas nupcias; Do que é vedado á mulher sem autorisação do marido; Como será em geral a autorisação do marido; Direitos e obrigações gerais dos conjuges; Das provas do casamento e das que correspondem ás transgressões da lei que lhe respeita; Do divorcio; Efeitos da não autorisação do divorcio; Divorcio por mutuo consentimento; Da separação de pessoas e bens depois do Decreto de 3 de novembro de 1910; Dos filhos legitimos; Da prova da filiação legitima; Dos filhos-perfilhados; Da investigação da paternidade ou maternidade ilegitima; Dos alimentos e socorros ás mães dos filhos ilegitimos; Dos direitos dos filhos não perfilhaveis.—Jurisprudencia: Investigação da paternidade ou maternidade ilegitima; Da mulher comerciante; Jurisprudencia; Da mulher casada comerciante. Apendice:—Adulterio; Alimentos; Bigamia; Binuvo; Casamento; Comerciante; Interdição; Mulher.

Muito gratos pelo exemplar oferecido.

=Em Lamego começou a publicar-se um novo periodico intitulado *A Restauração*, que tem por fim derruir as instituições republicanas para as substituir pela monarquia dos adeantamentos em conformidade com os desejos daqueles a quem foi levantada a gamela.

Não nos parece que a *coisa* surja da terra dos presuntos...

Nem doutra.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Do Porto

—=(*)=—

Em 12 de Maio

Desejando cumprir a minha promessa, que implica a satisfação do pedido que resultou da amabilidade dos cumprimentos do amigo e correligionario, dispensados, tão gentilmente, á minha passagem por Aveiro e quando, á largada do comboio, me gritou ainda —*diga alguma cousa do Porto para o «Democrata»*—o que vou escrever nada é e nada vale, significando apenas que me não esqueci dele e que, cumpridor do meu afirmativo movimento de cabeça, tinha necessariamente de satisfazê-lo.

Conhe-me de sobejo o Arnaldo e sabe que eu

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás musas dada;

embora a *musa* neste caso seja as duas duzias de linhas que lhe envio.

Não assisti ás desordens que a atitude dos reaccionarios clericaes provocou nas suas tão estupidas demonstrações, nesta cidade, com repercussão em Barcélos e na esfera de S. Bento, mas a tal facto me refiro porque é ele ainda que alimenta o espirito publico, que continua revoltado, mantendo exaltadissimos um grande numero de elementos dos mais avançados e que já tão duramente castigaram os petulantes que á sombra da pretendida cordealidade entre a familia portuguêsa se julgaram no caso de abusar dessa situação, lançando o mais ofensivo e provocador repto aos liberaes daqui independente de qualquer côr politica.

Não fôram só os republicanos que castigaram, á bengala, a atrevida *troupe* retintamente afradalhada que berrava em cheio vivas á religião, a Leão X, a el-rei D. Manuel.

Na merecida correcção tomaram parte muitos para quem a politica é cousa morta sem contudo esquecerem quanta vigilia e defêsa precisam os principios liberaes.

Acabo de falar com um dos que, tomando parte importante na refrega, apesar dos seus cabelos brancos, apenas o fez animado pela defêsa da Liberdade, porque—dis-me ele ainda tremulo—viu meu pae por Ela enforcar dez dos seus mais dilectos filhos emquanto padres, frades e todos esses bandidos e ministros da religião ao mesmo tempo chocavam os copos cheios de vinho e o bebiam festejando o glorioso acontecimento traduzido no aterrador espernear das vitimas com o algoz sobre os hombros!

De fórma que póde o Pimenta, no Senado, espinotear contra os *famigerados assaltantes de pacificos cidadãos, que no pleno uso dos seus direitos se manifestavam pelas suas ideaes; a Nação, o Dia, a Tarde* protestarem contra *os verdadeiros atentados cometidos por autenticos canibaes a dentro das ruas duma cidade que se diz civilisada;* pódem todos quantos assim o entenderem fazer côro na caramunha com que é preciso rodear o caso, mas o que é cérto, muitissimo cérto, é que a Verdade resplandece como a luz do Sol e a responsabilidade de tudo que sucedeu e hade suceder no primeira ocasião cai intacta sobre esse bando de patetas que tão imbecilmente ainda pensam, não na vinda do Messias, mas no regresso do—*crê ou morres*—traduzido na tremenda série de crimes cometidos á sombra dum falso Deus e duma falsissima religião, que a historia regista nas suas mais negras e dolorosas paginas.

Por isso, corrida a cambada do congresso, da sessão na catolica e do vivorio ao pápa e ao rei, pelos mais exaltados, foi dado principio á caçada ao padre e ao elemento notoriamente reconhecido como reaccionario e jesuita e assim se déram conflitos que—póde o Pimenta dizer que não—mas que se não fosse a intervenção policial teriam sérias consequencias e ainda hoje se repetiriam.

Que o diga o prior da Vitoria!... Ainda hoje correu a nova da sua morte, que é, todavia, falsa, e por isso pódem os leitores do *Democrata* avaliar a violencia da agressão, que seria fatal, se não acudisse a força publica.

Dando de barato que as manifestações reaccionarias fôram uma experiencia para dela avaliarem da intensidade dos sentimentos liberaes desta cidade, o resultado não poude ser mais dolorosamente desanimador com a agravante de que na primeira ocasião não ficará pedra sobre pedra!

Não vejam nestas palavras o conhecimento particular nem a antecipada adesão a qualquer resposta a nova tentativa por parte dos famigerados e falsos membros da catolica, apostolica rua Passos Manuel; elas apenas traduzem a tensão, até quasi desespero, em que está o espirito publico nesta antiga e mui nobre cidade.

Ai deles, ai dos que se afoitarem á mais leve manifestação hostil ao lendario amor aos principios de Liberdade que em todos os tempos nasceram e vingaram a dentro da cidade do Porto!

Contudo, fecho estas considerações fazendo votos para que as minhas palavras finaes se não tornem numa durissima realidade.

= Ontem os estudantes desta cidade, num impulso de verdadeiro altruismo, reuniram-se afim de solicitarem o indulto do infeliz Oliveira Coelho. A' hora, porém, que se dirigiam ao consulado inglez, onde fôram amavelmente recebidos, em Londres, o tribunal da revisão dos processos criminaes regeitava a apelação do condenado!

Em ultimo recurso, resta a munificencia regia que, toda a gente crê, hade ouvir o grito de piedade que um povo inteiro solta a favor dum seu irmão.

E nesta previsão não desejo errar.

Elmano

Notas mundanas

Com demora de algum tempo partiram para Lisboa, a sr.ª D. Joana Gomes de Faria e sua interessante filha.

= Deu á luz uma menina a esposa do nosso amigo Antonio de Brito, farmaceutico em Alquerubim.

= Para os bancos da Terra Nova devia ter largado no dia 12, de Lisboa, o hiate Sofia, *que leva como capitão o sr. Luiz Teiga Junior.*

Feliz viagem e felicidades.

= Veio no domingo a Aveiro o nosso colêga do Povo de Agueda, *dr. Abilio Napoles.*

= Acha-se na capital o sr. dr. Augusto Gil, governador civil do distrito.

= Cumprimentámos aqui no meado da semana, os srs. Bernardo Moraes, da Fogueira de Anadia e Alves Lobo, proprietario duma importante casa de modas no Porto.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

O BRAZIL DE HOJE

Fome, Miseria & C.ª

Ainda com vista a um jornalista brazileiro residente em Lisboa

E' muito possivel que o sr. Candido de Castro, o insubstituivel *porta-vós* da talassaria indigena, não tenha lido o que nas colunas de *O Democrata* temos ultimamente escrito sobre s. ex.ª e sobre a gravissima crise economica-financeira que, para mal de todos nós, está atravessando o Brazil, a

Terra das palmeiras
onde canta o sabiá

como disse o bom Gonçalves Dias.

Mas isso, porém, pouco ou nada nos incomoda. Desde que não escrevemos, por assim dizer, para os foliculários da imprensa amarêla, que não sabem ou não querem respeitar as coisas mais queridas da nossa terra e os nossos homens mais representativos, visto que só escrevemos para os pobres diabos que, ao acaso, arrastados por falsas e enganadoras promessas, ainda pensam em abandonar a patria-mãe, onde ha amor e alegria, vida e trabalho,—pouco nos encomoda, diziamos, o facto do insolente correspondente do *Correio da Manhã* não ler as nossas cartas, porque isso não nos inibe de aqui continuarmos a gritar bem alto:

—Não emigrem para o Brazil!

E' verdade que gostariamos que o sr. Candido de Castro, mesmo depois duma noite de orgia pela velha Travessa da Palha, lêsse o que aqui temos escrito e que, armado até aos dentes como qualquer D. Quixote de fancaria, nos fizesse á estacada para reduzir *a pó, cinza e nada* tudo quanto temos dito... e diremos.

Mas não, infelizmente. O sr. Candido de Castro não é homem para luctas, nem tão pouco quererá saír da infima e bem réles posição em que se colocou desde que o fizeram correspondente dum diário maldizente a quem a Republica Portuguêsa tantos engulhos causa, talvez em consequencia da sua gigantesca obra de reabilitação nacional. Não, por certo.

S. ex.ª, como tantos outros seus colégas que por aqui, pelas ruas do Rio, perambulam como cães rafeiros, limitar-se-ha, provavelmente, a encolher os hombros e, portanto, a esquecer as nossas duras verdades para, assim, continuar com as suas verrinas foliculárias contra o país que o hospéda e contra os que, como homens e como patriotas, não se cansam de gritar que o Brazil, no presente momento, nada póde oferecer de vantajoso aos que o procuram.

Mas oxalá o já célebre jornalista brazileiro não continue, num certo ponto de vista, como até aqui, ao serviço da mentira e da infamia. Se continuar a dizer de Portugal republicano o que nós nunca diremos do Brazil e dos seus homens, a nossa modesta penna estará sempre pronta, em qualquer emergencia, a castigal-o impiedosamente como merece. Que escreva, mal ou bem, mas nunca menospreze, como intuitivamente tem feito, o que nós mais presamos como portuguêses amantes da nossa terra, como homens amantes da nossa independencia e como cidadãos amantes da nossa liberdade. E para castigar e desmascarar o sr. Candido de Castro, o gratuito insultador de Portugal e dos portuguêses, crêmos não ser preciso um esforço homérico, extraordinario, pois temos a coadjuvar-nos, embora que involuntariamente, a propria imprensa da sua terra—até mesmo aquéla que está sempre pronta a ferir-nos no nosso amor-patrio, na nossa dignidade e na nossa civilisação, a troco de qualquer *gorgêta*, como aqui temos demonstrado com factos palpaveis e claros.

* * *

Mas por um lado bom é que o sr. Candido de Castro, com o seu odiosinho, que mostrou sempre ter a tudo quanto é portuguêz, não ponha, por agora, ponto nos seus ataques apalermados contra a Republica Portuguêsa—*a Republica do talento e do saber*, como ha tempo lhe chamou, em um magnifico artigo, o ilustre homem de letras, sr. Teófilo de Albuquerque. Sim, é bom, preciso mesmo, que s. ex.ª não ponha ponto nas suas verrinas inqualificaveis contra nós, porque, assim procedendo, oferece-nos ocasião excelente para a nossa patriotica campanha, isto é—incitanos a continuar a dizer que a actual situação dos que vivem e trabalham por todo este imenso Brazil é simplesmente de **fome e de miseria**,—verdade esta que ninguem de bôa fé poderá negar.

Ha braços, é cérto—**mas não ha trabalho;** ha bôcas, todos o sabem—**mas não ha dinheiro, não ha pão.**

Só ha miséria! Só ha lucto!

Por isso, pois, uns vivem de esmolas; por isso, pois, outros morrem nos hospitaes, longe dos carinhos da familia idolatrada e dos amigos queridos, ou numa prisão!

E a população aumenta, e a emigração continúa—embora já em menor numero. Mas continúa... e isso basta para alegrar o sr. Candido de Castro que tão interessado se mostra em suas cartas para o *Correio da Manhã*, com a saída de lévas e lévas de familias portuguêsas para estas terras de Santa Cruz, cujas grandezas são cantadas por falsos oraculos, sempre ambiciosos, desumanos, que para aí vão, de quando em quando, comissionados, com o criminoso fito de auferirem gróssas maquias daquêles que engordam e enriquecem, pelo interior do Brazil, onde a justiça é de facão, á custa dêsses desgraçados colonos que para aqui veem de olhos vendados em busca de sonhadoras grandezas, de proventos que nunca conseguem—porque não teem regalias, porque não teem liberdade de agir, nem de pensar.

—*Mas a emigração continúa*, responderá, em ultimo recurso, o insubstituivel e inefavel correspondente do *Correio da Manhã*.

Não ha duvida. Mas quem lucra com isso, com a emigração para o Brazil nésta ocasião de angustias, de luto e de misérias, de fome e de lagrimas?

Evidentemente nem o Brazil, nem Portugal, nem a Italia, nem a Espanha.

Assim, pois, continuando a emigração, a miséria aumenta, os lares desmoronam-se, as familias corrompem-se e, portanto, o Brazil coloca-se nésta tristissima contingencia: ou fecha as portas aos emigrantes ou então tem de facilitar-lhes trabalho de maneira a que, duma vez para sempre, se ponha um dique a este angustiosissimo estado de cousas.

Proceder de fórma contraria é perpetrar um monstruoso crime—porque é lograr os incautos, os que pensam do Brazil um país farto, onde a miséria é uma mentira inventada e acalentada pela imprensa portuguêsa que, no dizer do indefeso jornalista brazileiro, está sustentando a mais cruenta e injusta guerra contra esta terra *amiga* depois da quéda do regimen dos Braganças.

Que medite nisto o insolente *porta-vós* da talassaria indigena, que pensem nisto todos os portuguêses que ainda pensam em emigrar para o Brazil em busca de melhor situação. E' um conselho de quem vive no Brazil e, por consequencia, de quem fala por experiencia propria.

E quando, por qualquer futilidade, não baste os nossos conselhos, aí estão, bem claros e francos, os factos de todos os dias, de todas as horas que não nos deixam mentir, atraiçoar a verdade.

E' a vós da consciencia que fala e não o odio mesquinho que nos arrasta a chicotear, assim impiedosamente, um jornalista sem escrupulos que vive da mentira e para a mentira, visto não ser outra a sua missão em Lisboa, onde vive como um nababo á custa, é claro, duma matilha de salafrários que fazem da honra... um rendoso modo de vida.

E depois é precisamente esta canalha, só éla, que dia a dia aparece com as maiores insolencias e diatribes contra a imprensa lusitana por éla não saber esconder misérias e vilanias!

Miseraveis!

J. Fernandes Tavares

Necrologia

Em avançada edade faleceu na segunda-feira o sr. Antonio da Trindade Salgueiro, pertencente á antiga guarda fiscal, hoje reformado.

Era pae do nosso amigo e velho republicano, sr. Sebastião da Trindade Salgueiro, que no Porto exerce as funções de secretário da administração do jornal *Primeiro de Janeiro*, destacando-se pelos seus modos delicados e inconcussa honradez.

O nosso cartão de sentidos pêsames ao sr. Sebastião Salgueiro e de mais familia.

* * *

Vitimada por um parto prematuro e depois de bastantes dias de atroz sofrimento, exalou ontem o ultimo suspiro a esposa do habil artista désta cidade, sr. Antonio Augusto Gonçalves da Silva.

Chamava-se a desditosa, Maria da Apresentação Mélo e Silva, tinha 21 anos de edade e estava casada ha pouco mais de quatro meses. Tendo nascido no bairro da Beira-mar, destacava-se de tal maneira dentre a sua geração, que era, com justiça, considerada uma das mais formosas tricanas de Aveiro a que não faltava inteligencia nem a graça natural que as distingue, tornando-as conhecidas em todo o país.

Todos os recursos da sciencia, todos os carinhos da familia, todas as suplicas dos crentes de nada valeram para salvar da morte a enferma que a esta hora repousa coberta de flores orvalhadas com as lagrimas do inconsolavel marido, da familia, das amigas, quiçá de tantos admiradores dos seus adoraveis encantos, na campa que lhe servirá de eterna morada e para sempre hade guardar os despojos da desventurada Apresentação.

O funeral da elegante e inditosa menina, que ontem mesmo se realisou, ao caír da tarde, foi uma sentida demonstração de homenagem á gentil aveirense, tão cedo arrebatada ao convivio dos que a estremeciam e pranteiam a sua infelicidade, como tivémos ocasião de observar.

Nele se encorporaram inumeras pessoas, muitas das quaes conduziam cróas e ramos de flores, indo ao cemiterio dizer-lhe o ultimo adeus bastantes das suas amigas para quem a memoria de Maria da Apresentação será inolvidavel.

A toda a familia enlutada, mas especialmente aos nossos amigos Manuel Augusto da Silva, sogro da falecida e a seu filho, os pêsames sentidos do *Democrata*.

Carta de Africa

Beira, 20 de Abril

De regresso da metropole, para onde tinha partido em goso de licença graciosa, chegou ha dias a esta cidade a bordo do vapor *Luabo*, o nosso amigo Salvador José Pinto, encarregado da secção de Obras Publicas, da circunscrição de Manica.

= Vindo de Lourenço Marques chegou á Beira em 7 do corrente, o 1.º tenente medico da Armada, sr. Augusto da Cunha Rola, que foi requisitado ao govêrno pela Companhia de Moçambique, para fazer serviço nos seus territorios.

= Fala-se que o governador da Companhia de Moçambique, Pery de Linde, tenciona embarcar em Lisboa no proximo dia 17 de Maio com destino a esta cidade e oxalá que tal aconteça, para assim nos vêrmos livres do governador interino, que tantas injustiças tem cometido desde que se encontra á frente do govêrno da Companhia.

= Por iniciativa de alguns rapazes, acaba de se constituir aqui um grupo de *foot ball* denominado, *Club Internacional do Foot-Ball.*

= Tem estado entre nós o nosso amigo Rui Leitão, agricultor em Mandigos.

= Por noticias recebidas de Oliveira de Azemeis, soubémos ter-se realisado no dia 24 do p. p., o casamento do nosso amigo José de Andrade Serodio, com a sr.ª D. Leopoldina L. e Silva, filha do comerciante daquela praça, Almeida e Silva.

Aos simpaticos noivos desejámos um futuro repleto de felicidades.

C.

VISITA

Acompanhado do nosso antigo correspondente de Taboeira, José Maria Rema, esteve nesta cidade, onde não vinha ha bastantes anos, o conceituado industrial de Alemquer, sr. José Marques Ferreira, velho republicano, a quem agradecemos muito a amabilidade dos seus cumprimentos.

As igrejas

Considerações sobre um protesto dos republicanos de Alquerubim

Uma comissão do partido democratico de Alquerubim procurou ha dias o sr. governador civil para que ele ordenasse um inquerito aos acontecimentos anormais, provocados pelos unionistas, que aqueles alcunham de reaccionarios e amigos do prior. Cremos que os unionistas vão errados nos seus calculos, e que a paixão os não deixa vêr com a necessaria clarêsa sobre os motivos da paralisação das obras da igreja, que nós atribuimos á repugnancia e morosidade com que lá de cima costuma proceder a entidade encarregada de providenciar em assunto desta natureza. E' um dia de juizo; não ha paciencia que se não esgote á espera de qualquer pretensão ou reclamação que implique com cousas da igreja, o que tudo é expiação salutar para o clero que á data da implantação da Republica, parecia trazer o rei e o diabo na barriga. No entanto uma tal incuria não abona e só prejudica as instituições republicanas que nós desejamos vêr depuradas de todos os vicios inerentes á monarquia no periodo agonisante.

Poucos dias depois da implantação da Republica o prior de Alquerubim, á frente de uma comissão de honrados paroquianos, procurou o então governador civil, sr. Albano Coutinho. Exposto o motivo que os levava a avistarem-se com a autoridade superior do distrito, que era a *desgraça da igreja concertada*, o sr. governador civil atalhou logo a esbanjamentos em cousas de tal natureza, quando o povo estava tão necessitado de obras de viação, beneficencia e instrucção. Que, a satisfazer-se a vontade dos peticionantes, seria, em nome das instituições democraticas, autorisar o retrocesso e não o bem estar do povo. E sucedia isto, cremos, ainda antes de publicada a Santa Lei da Separação.

Os republicanos de todas as matizes devem compreender que, em geral, o inimigo nato da Republica é o padre. E' vêr como por toda a parte o alto e baixo clero se tem conduzido como inimigo figadal, fornecendo um enorme contigente de conspiradores. A atitude do clero secular e regular foi, em 1834, punida com o tremendo golpe da extinção das ordens religiosas, porque ostensivamente hostilisaram o partido liberal, intrometendo-se insensatamente em politica. E sucedia isto no tempo em que o catolicismo era a religião do Estado! Não estranhem agora que haja lá de cima declarada relutancia em gastar cêra com tais defuntos, fazer obras em igrejas, se isso é terminantemente vedado pela lei da Separação.

O que não tem dito desta lei o clero e os carolas por ele assalariados!!

Que entraves não tem eles levantado áquela obra, que é a gloria da Republica e o rebolo providencial em que o clero tem afiado e experimentado a sua paciencia e resignação que o reconduzirá, seguro ao caminho da bemaventurança?!

A lei da Separação, mesmo

Caixa Economica Postal

Aceitam-se depositos, á ordem, em dinheiro, desde $20 a 1.000$, e em estampilhas, das taxas de 1|2 a 2 1|2 centavos, por meio de boletins, até 20 centavos cada boletim.

Juro de 3 0|0 ao ano.

Qualquer estação Telegrafo-Postal aceita depositos.

Os vales do correio nacionaes, internacionaes e ultramarinos e as ordens postaes pódem ser endossadas a esta Caixa para serem creditados na conta corrente de qualquer titular, para o que basta envial-os em subscrito cerrado, *sem estampilha*, á séde da Caixa.

Tambem se aceitam, para o mesmo fim, coupons de papeis de credito, cheques nacionaes, internacionaes e outros titulos a cobrar, devendo estes ser remetidos em carta com valor declarado á séde da Caixa, rua Alves Correia (vulgo rua de S. José) 14—LISBOA.

como tagante e vergalho do padre, é hoje a alavanca poderosa da sua dignificação aos olhos de Deus e do mundo.

Foi aquele salutar diploma que fez do padre oficial de missas e sermões, traficante de bulas e indultos, um apostolo atido agora, como nos tempos do cristianismo puro, á esmola espontanea dos fieis. Se na lei ha torturas e contratempos que o aliviam de interesses, em compensação tambem ela o enriquece de paciencia e resignação que sempre são meios mais seguros para ganhar o céu do que o conforto e bem estar materiais que são ocasião proxima de pecado...

Esses santos de pau feitos, que aí se expõem por os altares á adoração dos fieis, foram por este vale de lagrimas uns grandes martires e atribulados. Eram uns pobretainas que imitavam, á risca, o viver de Cristo, que, segundo resa o Evangelho, passou pelo mundo fazendo bem, e não tinha onde reclinar a cabeça, e não iremos muito longe da verdade, se dissermos que ele nunca soube o que era uma indegestão, nem o confórto dumas ceroulas e dumas botas...

Se a lei é uma rude provação, como eles afirmam, é porque Deus, que tudo determina, segundo a doutrina dos padres, entendeu que o clero necessitava desta dura prova para o fazer mudar de conduta. E se Deus tal ordenou, com certeza que é para bem deles, e nesse caso o padre, em vez de injurias e maldições, deve a Deus render graças por ter sugerido ao sr. Afonso Costa aquela divina e santa lei.

Com o pilão das cultuais e a falta doutras benesses materiais o padre agora seguirá pelo trilho da sua missão apostolica, numa absoluta concordancia com as palavras de Cristo—*quem quizer ser meu discipulo tome a minha cruz e siga-me.*

A lei da Separação é uma cruz para o clero? Pois como tal a aceite e suporte, sem impaciencias e murmurações, sem revoltas, naquela conformidade e submissão de espirito que Cristo poz em relevo nas paginas do Evangelho. Para nós a lei da Separação foi a regeneração politica, moral e religiosa do clero. E querem os homens, que declararam guerra de morte a esta santa lei, que a Republica autorise concertos e construções de igrejas! Não se admirem, pois, que, em frente de considerações desta ordem, as obras da igreja de Alquerubim vão no caminho do casarão do hospital.

Para nós, em face deste negocio com aparencias de nó de cão, só pedimos que não echem as mercearias..

E com isto nos contentâmos.

X.

Comunicados

—=(*)=—

Cidadão redactor

Rogo-lhe a fineza da publicação da seguinte carta:

Consta-me particularmente que o mui digno negociante de bacoros e leiteiro, professor da escola oficial deste logar de Pinhão, dirigiu á Ex.ma Câmara Municipal de Oliveira de Azemeis, um oficio cujo conteudo fáz algumas referencias ao ilustre vereador da mesma sr. Francisco Soares Pinheiro, muitissimo mal arquitetadas e menos verdadeiras que bem condizem com a cultura intelectual daquele ambicioso bacoreiro e leiteiro. Taes referencias foi devido ao aludido vereador propôr á citada câmara para que em beneficio da instrução a escola passe a ser mixta, sendo devéras louvavel tal iniciativa que pertence ao sr. F. S. Pinheiro, seu inimigo politico, quando é certo ele só procura unica e simplesmente beneficiar a instrução porque tem tambem filhos e filhas para educar, mas não diz que essa politica, podre e devassa, da defunta monarquia por meio da empenhoca aqui colocou este instrumento de escola que só cuida dos bacoros e do leite, em substituição dum ilustradissimo e cuidadoso professor que cá tinhamos e que actualmente se acha no Couto de Cucujães. Este sim, dedica-se com todo o amor ao seu mister sagrado e no diminuto tempo que aqui esteve fez mais do que este tem feito, porque... porque não era bacoreiro nem leiteiro. Se o aludido instrumento de escola tivésse sentimentos nunca falava em politica que é a frase mais hipocrita que deita pela bôca fóra quando é cérto, como já atraz me referi, ter sido beneficiado por éla porque do contrario não estava cá, neste logar, senão para o quê que consulte a sua consciencia. Como temos a justiça ao nosso lado, irmã legitima da verdade e da rasão pura e casta que nos assiste, acobardou-se de tal fórma que não solicita a sindicancia, mas nós não toleramos que a justiça seja nésta terra uma palavra vária conforme outr'ora foi, muito embora a empenhoca clerical o tente salvar visto pertencer ao inclito carinha rapada & C.a, de Pindelo, onde vai carpir as suas maguas.

Pela publicidade déstas linhas muito grato lhe fica o que se subscreve

De v. etc.,

Pinhão, 9—5—914.

Um assinante

Por falta de espaço ficam-nos por publicar alguns originaes do que pedimos desculpa aos seus autores.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

MAIO

DIAS	PHARMACIAS
17	REIS
24	MOURA
31	LUZ

Anuncio

Fáz-se público, por este meio, que na administração do concelho de Oliveira do Bairro, foi requerida por Augusto Costa & C.a moradores no logar da Quinta Nova, freguezia da Mamarrosa, daquele concelho, licença para estabelecer uma fabrica de licôres e outras bebidas alcoolicas naquele dito logar da Quinta Nova, compreendida na 2.a classe, com a designação dos inconvenientes de perigo de incendio, pelo que, em conformidade do art. 6.º do decreto de 21 de Outubro de 1863, se convidam todas as autoridades, chefes ou gerentes de quaesquer estabelecimentos, e todas as pessoas interessadas a apresentar na administração do referido concelho de Oliveira do Bairro, dentro do prefixo praso de 30 dias, as reclamações de qualquer motivo de oposição que tivérem contra a concessão da referida licença.

Quinta Nova, 9 de Maio de 1914.

Augusto Costa & C.a